



Preço da cesta básica cresce 20% em um ano

Alimentação teve o maior aumento e liderou subida do preço. Além do feijão, com alta de 144%, óleo, leite e carne são os vilões do preço da cesta básica em Piracicaba

Cálculo da Esalq Jr. apresentou alta de 20,82% da cesta básica, passando de R\$ 230,20 para R\$ 278,13, entre março de 2007 a março deste ano. Os alimentos subiram na média

25,45%, bem acima dos produtos de Limpeza e Higiene. O feijão chegou a custar R\$ 5,72 o quilo, uma variação de 144,03% durante o período. A alta foi provocada pela escassez do pro-

duto decorrente da seca que atingiu as principais regiões produtoras de São Paulo. O Leite em pó saiu de R\$ 4,59, em março de 2007, para R\$ 7,12, em março de 2008. Uma elevação de

55,05%. A seca fez com que a produção fosse menor. Para agravar a situação, muitos fazendeiros, entre 2006 e 2007, abandonaram o setor por causa da queda do lucro.

Cesta básica tem alta de 20% em um ano

Cálculo feito pela Esalq Jr. aponta aumento de 20,82% de março de 2007 até o março deste ano; alimentos subiram em média 25,45%

Daniel Damasceno

Feijão, óleo, leite e carne são os vilões do preço da cesta básica em Piracicaba, que apresentou alta de 20,82%, passando de R\$ 230,20 para R\$ 278,13, entre março de 2007 a março deste ano, segundo cálculo da Esalq Jr. Economia. Os alimentos subiram na média 25,45%, bem acima dos produtos de Limpeza e Higiene, que variaram 8,57% e 7,12%, respectivamente.

O feijão chegou a custar R\$ 5,72 o quilo, uma variação de 144,03% durante o período. A alta foi provocada pela escassez do produto decorrente da seca que atingiu as principais regiões produtoras de São Paulo.

O óleo de soja passou de R\$ 2,01 para R\$ 3,05, alta de 51,71%. Neste caso, o preço foi influenciado basicamente pelo consumo da China, que aumentou as importações do produto em mais de 80%. Por outro lado, os Estados Unidos, um dos maiores produtores de soja, reduziu a área plantada para cultivar milho, matéria-prima do etanol.

O Leite em pó saiu de R\$

4,59, em março de 2007, para R\$ 7,12, em março de 2008. Uma elevação de 55,05%. A seca fez com que a produção fosse menor. Para agravar a situação, muitos fazendeiros, entre 2006 e 2007, abandonaram o setor por causa da queda do lucro, especialmente por causa do fraco desempenho do mercado externo.

Segundo o vice-presidente da Associação Brasileira de Leite Longa Vida (ABLV), Laércio Barbosa, a Austrália, grande exportadora mundial, há três anos não tem captação suficiente para vendas externas. A Nova Zelândia está no seu máximo de produção e a União Européia perdeu subsídios ao leite. Cabe ainda ressaltar a crescente demanda chinesa por laticínios devido à ocidentalização de seus hábitos de consumo.

As carnes, de primeira e de segunda aumentaram 19,03% e 31,46%, respectivamente, tendo o seu valor real saltado de R\$ 9,08 para R\$ 10,80, para a carne de primeira, e de R\$ 5,27 para R\$ 6,92, para a carne de segunda. Como no caso do lei-

te, a carne também foi vítima da seca, considerada uma das mais longas dos últimos tempos.

De acordo com o presidente do Sindicato de Carnes e Derivados de Uberlândia, Everton Magalhães, a estiagem de 2007 foi atípica, fazendo com que o pasto ficasse seco e o gado magro, fator relevante para a restrição de oferta e o subsequente aumento de preços.

Maria Aparecida Alcântara, moradora da Vila Monteiro, diz que o vale alimentação de R\$ 130 que seu filho recebe não dá para mais nada. "Todo mês acrescento mais R\$ 130 para comprar nossa cesta básica". Para ela, o que mais comprometeu o orçamento da família foram o feijão e a carne. A costela de boi, segundo ela, subiu de R\$ 2,90 o quilo para R\$ 7.

"É a preferência pela comida brasileira. A gente não troca o arroz, feijão e costelinha de boi por nada". Para Neuza Camargo, da Vila Rezende, o peixe e o frango subiram pelo menos 30% nos últimos 40 dias. "Minha família prefere carne branca. Vamos continuar consumindo os



Carnes estão entre os vilões do aumento: de primeira e de segunda aumentaram 19,03% e 31,46%

mesmos produtos, mas em quantidade menor", garante.

Como síntese da análise da variação apresentada pelos alimentos, o diretor geral da FAO, Jacques Diouf, em entrevista para a Folha de São Paulo, enumerou os cinco principais mo-

tivos para o encarecimento da comida: mudanças climáticas; custos dos insumos agrícolas como sementes e fertilizantes, por causa da alta do petróleo; crescente demanda dos países em desenvolvimento como a China e a Índia, onde a dieta,

antes era feita de grãos e cereais; uso de grãos, como o milho, por parte dos Estados Unidos, para a produção de biocombustíveis; especulação financeira em bolsas de mercados futuros, nas quais são definidos os preços das commodities agrícolas.